

(Neo)pentecostais e Meios de Comunicação: Estudos a partir da Teoria Crítica da Sociedade

(Neo)pentecostals and Media: Studies from the Critical Theory of Society

Sergio William Damasceno da Silva¹

Rodolfo Moura²

RESUMO

O presente estudo se refere ao período entre os meses de outubro e dezembro de 2018, momento eleitoral e de intensa participação dos evangélicos (neo)pentecostais no rádio e na televisão brasileira. Objetiva, portanto, levantar quais estações de rádio, emissoras de televisão pertencem a grupos evangélicos, além de perceber os conteúdos apresentados por eles. Para isso, parte-se da teoria crítica da indústria cultural abordada por Adorno e Horkheimer na Dialética do Esclarecimento, a qual demonstra a seleção dos conteúdos das estações de acordo com a cosmovisão do proprietário, sem a possibilidade réplica por parte do ouvinte. O desfecho do estudo aproxima a realidade pesquisada pelos autores supracitados, isto é, na década de 40, com o contexto de difusão de ideias e músicas de cunho gospel, seguindo a mesma lógica descrita pelos autores. A partir dessa relação, busca-se a possibilidade de entender a assimilação do movimento (neo)pentecostal a partir do referido paradigma e sua compreensão por meio da teoria crítica e quais os efeitos produzidos por essa relação dialética entre o mundo pentecostal e as mídias tradicionais.

PALAVRAS-CHAVE

Teoria crítica; Evangélicos; Política; Rádio; Televisão.

¹ Licenciado em filosofia pela Universidade do Estado do Pará (2016). Professor efetivo de filosofia na Secretaria de Educação do Estado do Pará, lotado no sistema integral de ensino. Mestre em Ciências da Religião pelo programa de Pós-graduação em Ciências da Religião – (PPGCR/UEPA). E-mail: wdamasceno94@gmail.com.

² Bacharel e Licenciado em História pela Escola Superior Madre Celeste (2008). Especialista em História das Religiões pela Universidade Cândido Mendes (2018). Professor efetivo de História na Secretaria de Educação do Estado do Pará, lotado no Sistema de Organização Modular de Ensino – SOME, Mestre em Ciências da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião – (PPGCR/UEPA), Integrante do – Grupo de Pesquisa Movimentos, Instituições e Culturas Evangélicas na Amazônia – (MICEA/UEPA). Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia – (PPGSA/UFPa). E-mail: rodolfomoura2005@yahoo.com.br.

ABSTRACT

The present study refers to the period between October and December 2018, when the Pentecostal and Neo-Pentecostal evangelicals participated intensely in Brazilian radio and television. It aims to raise which radio stations, television stations belong to evangelical groups, besides perceiving the contents presented by them. It starts from the critical theory of the cultural industry approached by Adorno and Horkheimer in the Dialectic of the Enlightenment, which demonstrates the selection of the contents of the stations according to the cosmovision of the owner, without the possible retort of the listener. The conclusion of the study approaches the reality researched by the aforementioned authors in the 1940s with the context of diffusion of ideas and gospel songs, which follow the same logic described by the authors. On this relationship, we seek the possibility of understanding the assimilation of the Neo-Pentecostal movement from the aforementioned paradigm and its understanding through critical theory and what effects are produced by this dialectical relationship between the Pentecostal world and traditional media.

KEYWORDS

Critical theory; Evangelicals; Policy; Radio; Television.

Introdução

A presente proposta visa investigar as redes de transmissões evangélicas na televisão e no rádio no contexto das eleições de 2028, a partir das pesquisas desenvolvidas no início do século XX pela Escola de Frankfurt, em especial nas representações de Adorno e Horkheimer. Admitir que a indústria de reprodução do conteúdo gospel se desenvolveu independentemente dos conceitos presentes na categoria da indústria cultural, seria, ao mesmo tempo, aceitar que os sistemas de radiodifusão brasileiros foram produzidos sem a mínima influência dos que estavam presentes na Europa e nos Estados Unidos durante a década de 40. O presente trabalho contou com a hipótese de que não seria possível entender o sistema brasileiro de comunicação isento das influências da lógica tradicional de rádio transmissão, elaboradas nos contextos de onde vieram.

A partir disso, foi elaborado um estudo cujo objetivo se encontrou na possibilidade de situar as emissoras evangélicas dentro do contexto do esquematismo da indústria cultural, seja na reprodução de cosmovisões ou mesmo na reprodutibilidade da arte musical gospel. Tal característica colocou o presente trabalho na condição de uma investigação introdutória sobre o assunto, mas não exclusiva, pois aborda elementos que foram destacados na *Dialética do esclarecimento*³ que se confirmam em uma realidade hodierna do espaço gospel de radiodifusão.

Após as apresentações de conceitos fundamentais da teoria crítica da indústria cultural, foi feita uma abordagem da história do movimento pentecostal no Brasil, constatando a pouca inserção desse grupo no espaço público do país, em primeiro momento, o que mudou significativamente a partir da última constituinte, através do reconhecimento próprio do evangélico

³ ADORNO, T. W. & HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*: fragmentos filosóficos. trad. Guido Antonio de Almeida, Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 113.

enquanto ator de cidadania, cujo objetivo seria defender os interesses das instituições religiosas aqui citadas. Importante ressaltar que o movimento pentecostal será desenvolvido em seus pormenores no decorrer do trabalho enquanto um tipo ideal⁴ com variações. O tipo ideal deste trabalho denominado (Neo)pentecostais se caracteriza por um grupo religioso que integram ao conjunto dos evangélicos brasileiros que se desenvolveu a partir do início do século XX, associou-se à performance midiática em alguns casos a partir da década de 1970, os quais revezam uma postura dinâmica de trânsito entre a valorização dos dons do Espírito e o evangelho da prosperidade, difundido pela mídia, com apelo ao *marketing* e com influência ideológica exercida sobre as massas a partir do reconhecimento de batalhas espirituais e valorização do êxito financeiro. Esse tipo ideal será construído em função da complexidade e extensão da tarefa de categorizar de forma pormenorizada os grupos evangélicos brasileiros que possuem diversidade em suas características, e fazer essa categorização desviaria o propósito principal do presente trabalho.

Em seguida, um estudo empírico das redes de transmissão radiofônica e televisiva sob administração de instituições evangélicas foi desenvolvido. Alguns elementos foram abordados como: conteúdo das programações, composições musicais além de características captadas em falas de locutores e fiéis nas tardes dos dias 11 e 12 de dezembro de 2018 nas rádios de Belém do Pará. O levantamento contou com a identificação da frequência AM ou FM mais o nome da emissora, a primeira exclusiva para o rádio. A escolha feita para esse recorte se deu em razão da localização na qual o estudo foi feito, em Belém do Pará, enquanto um trabalho que surgiu naquele momento na disciplina “Religião e Política” do mestrado em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará.

A formação do pensamento de Adorno e Horkheimer sobre cultura e sociedade

Seria uma tarefa pouco analítica compreender a teoria crítica da indústria cultural sem considerar as referências propedêuticas para a formação de seus conceitos. Para compreender tal referência, remete-se ao estudo biográfico de Jay⁵, o qual destaca as diversas influências do marxismo, da filosofia clássica alemã (em especial Kant e Hegel), a sociologia de Max Weber, a psicanálise de Freud e as teorias existencialistas. Com isso, a partir da referência marxista, a modernidade tardia da produção capitalista trouxe diversos fatores que geraram repulsa epistemológica desses intelectuais que perceberam falhas no projeto iluminista como os da primeira geração do Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt, bem como no projeto das ideias liberais. A síntese entre liberdade e igualdade não veio. A dificuldade de reconciliação entre esses dois elementos é apenas o anúncio de uma negação da liberdade na dialética do capitalismo monopolista. Adorno e Horkheimer escreveram a quatro mãos a primeira parte da dialética do esclarecimento acusando a falha do projeto supracitado e a queda do capitalismo tardio em barbárie condicionada pelo processo de racionalização instrumental constatada já pelos dizeres de Weber⁶ no conceito de racionalização que se expande para as religiões monoteístas tradicionais.

⁴ WEBER, Max. *Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre*. Tübingen: Mohr Siebeck, 1968. p. 190.

⁵ JAY, Martin. *The Dialectical Imagination: A History of the Frankfurt School and the Institute of Social Research, 1923–1950*. Berkeley: University of California Press, 1996. p. 41.

⁶ WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994. p. 279.

Para esses autores, o ponto máximo do capitalismo na esfera cultural até hoje diz respeito a uma substituição do ideal de autonomia kantiano em sua maioria⁷ pela perda de liberdade, tratando-se de um fator importante na atual conjuntura, de tal modo que é preciso antes de adentrar na proposta do presente trabalho no que concerne aos estudos desenvolvidos pela primeira geração do Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt, em sua teoria crítica. Tal gnosiologia é importante para entender a dialética moderna entre senhor e escravo⁸. A indústria domina os indivíduos. Com isso, o método frankfurtiano se mostra adequado para se entender os mecanismos de dominação da consciência, dentro dos meios de difusão em massa, possibilitando a tarefa de difusão ideológica a partir desses meios. Sob o pressuposto de que as rádios brasileiras não diferem do rádio norte-americano em sua constituição fundamental, isto é, reprodução em massa de músicas ou informações e propagandas de intervalo, parte-se da ideia que, a despeito das rádios evangélicas brasileiras reproduzirem músicas do gênero gospel, não diferem da lógica tradicional apontadas por Adorno e Horkheimer. A partir disso, O conceito de ideologia proveniente do materialismo histórico-dialético de Marx exerce influência nos estudos sobre o papel das mídias no contexto do capitalismo tardio, além da regressão psicanalítica a partir do conceito de inconsciente, a perda da maioria racional proposta pelo iluminismo, a racionalização da sociedade moderna capitalista e os processos de dominação e poder dentro da estrutura da indústria cultural.

Diferentemente de outras propostas de trabalho, a teoria crítica da sociedade mantém afinidade com a filosofia. Porém uma das primeiras tarefas de Horkheimer⁹ em *Teoria tradicional e teoria crítica* é separar a última da primeira, a qual concerne aos postulados teóricos provenientes de Platão e aprimorados por René Descartes. A tradição filosófica é fechada em si de tal forma que impede seu contato com um mundo da vida (*Lebenswelt*) que por sua vez é também lugar de produção da *práxis* espiritual. Em lado oposto, a teoria crítica leva em conta o elemento social das produções humanas. Entende que a filosofia e as ciências fazem parte de um contexto e não são modos de conhecimentos desinteressados da dinâmica social. Para isso, busca-se uma harmonia entre teoria e fato observado de tal modo que a primeira não seja isenta da realidade da segunda. O caminho a ser tomado na investigação da sociedade é evidente, no que tange ao método desenvolvido da modernidade, ou seja, as elevações conceituais universais a partir de objetivos particulares. O novo caminho vai dos fenômenos sociais aos conceitos, priorizando categorias como: imaginário, simbologia e expressão. A partir disso, o conceito seria ligado a uma sinopse epistemológica, de onde todas as outras teorias do campo poderiam ser deduzidas, porém Horkheimer demonstra que “[...] quanto menor for o número dos princípios mais elevados, em relação às conclusões, tanto mais perfeita será a teoria”¹⁰. A partir disso, ele segue a regra de que a teoria deve manter seu caráter hipotético, revelando o caráter dialético de Frankfurt. Não é possível, a partir do que foi considerado, diluir o particular no universal.

Toda crítica direcionada ao conhecimento tradicional revela uma estruturação hierárquica.

⁷ KANT, Immanuel. Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung? In: Weischedel, Wilhelm (Hrsg.). *Werkausgabe in zwölf Bänden, Band II: Schriften zur Anthropologie, Geschichtsphilosophie, Politik und Pädagogik* 1. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1977. p. 53-61.

⁸ HEGEL, G. W. *Fenomenologia do espírito*. Trad. Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 142.

⁹ HORKHEIMER, M. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. In: ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Textos escolhidos*. Trad. Zeljko Loparic... [et al]. São Paulo: Nova Cultural, 1989. p.117. (Os Pensadores).

¹⁰ HORKHEIMER, 1989. p. 31.

Uma hierarquia de saberes é abandonada por não considerar o particular em estado negativo, por assim dizer, enquanto algo inferior ou, por exemplo, incapaz de produzir saberes. Fica evidente que a hierarquização do saber é produzida por instâncias reguladoras ligadas a quem domina o conhecimento e cria as suas regras. Entende-se que a classe de intelectuais do Iluminismo (*Aufklärung*) que fundamentou o modo positivista de pensar o conhecimento foi quem dominou e colocou os demais saberes em estado marginal na estrutura de conflito do mundo da *práxis*. Isolar a teoria do fato social é tornar o seu conceito coisificado (*verdinglichte*).

É preciso passar para uma concepção que elimine a parcialidade que resulta necessariamente do fato de retirar os processos parciais da totalidade da *práxis social*. Na representação da teoria, tal como ela se apresenta ao cientista, como resultado necessário de sua própria profissão, a relação entre fato e ordem conceitual oferece um importante ponto de partida para tal eliminação¹¹.

A teoria crítica da sociedade se direciona em Horkheimer e Adorno para considerações acerca do monopólio dos meios de produção cultural. Na *Dialética do esclarecimento*, os autores detectam os mecanismos de repressão por meio da retirada da liberdade de pensar pelos novos meios de difundir informações e propagandas. Tal processo foi identificado por Duarte¹² ao perceber que mesmo Walter Benjamin, no conto *O narrador*, considera a atrofia da capacidade de narrar mediante as novas possibilidades de entretenimento. Na dialética do rádio e do cinema, cuja síntese é a televisão, se vê uma proposta de consciência imposta que impossibilita a réplica, retirando o elemento literário que possibilita que o leitor construa suas próprias imagens acerca do que se conta. Isso acontecerá nas emissoras evangélicas também. Com isso se vê uma diminuição da capacidade em se ter experiência com o mundo, acompanhada da decadência da narrativa.

A perda supracitada é levada para o domínio das artes, as quais reproduzem um estilo padronizado aceito. O termo regressão utilizado por Adorno¹³ no seu texto de 1938 ressalta a presença do *superego* a partir do excesso de civilização¹⁴ no contexto do capitalismo tardio, sentido de princípio freudiano de regressão inconsciente enquanto patologia, pois considera que a perda da liberdade, tal como uma criança que depende dos pais, é um “lançar mão” de sua capacidade de escolha, delegando tal atividade a alguém. A regressão não é inconsciente, mas articulada por uma estrutura dominante da civilização capitalismo, o que Adorno denomina “perda esquematismo” a partir de uma base kantiana na *Crítica da faculdade do juízo*¹⁵. Em relação com o assunto que deverá posteriormente ser exposto, o ambiente religioso evangélico segue a mesma estrutura sob o fato da submissão total a um líder ou pastor. Por isso, autonomia kantiana perde sentido assim como a noção de cidadania que definha dentro de uma lógica hierarquizante de dominação da consciência. Adorno e Horkheimer escreveram um livro que explica essa dinâmica bárbara de dominação das consciências em vários setores da vida. Tudo

¹¹ HORKHEIMER, 1989, p. 36.

¹² DUARTE, R. *Teoria crítica da indústria cultural*. Belo Horizonte: UFMG, 2009. p. 28.

¹³ ADORNO, T. W. O fetichismo na música e a regressão da audição. In: *Textos escolhidos*. Trad. Zeljko Loparic... [et al]. São Paulo: Nova Cultural, 1989. p. 65. (Os Pensadores).

¹⁴ FREUD, S. *O Mal-Estar na Civilização*. Tradução de Paulo Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 50.

¹⁵ KANT, Immanuel. *Crítica à faculdade de juízo*. trad. V. Rohden e A. Marques. Rio de Janeiro: Forense, 2002. p. 133.

a partir dos ensaios sobre teoria crítica do primeiro e sobre a situação social da arte do segundo. Tudo parte da crítica à racionalização do mundo, inclusive na cultura¹⁶.

A indústria cultural da sociedade e os meios de comunicação no Brasil

Para compreender os principais meios de difusão como rádio e televisão é importante fazer uma volta para alguns termos fundamentais que surgiram dentro do conceito de indústria cultural. Como o presente trabalho se desenvolve dentro da temática sobre religião e política, a partir da teoria crítica, faz-se importante lembrar como ambas podem ser originalmente entendidas. As relações de poder se encontram alinhadas pela lógica do fetichismo econômico de Marx, a teoria da reificação de Lukács¹⁷ e a transferência dessa estrutura reificante por Honneth¹⁸ ao domínio das relações culturais. A tese fundamental, já no iluminismo, foi a de que mito e racionalidade “coisificante” têm uma origem comum nos elementos de “disciplina” e “comando”.

A essência sagrada transfere-se para os feiticeiros que lidam com ela. Nas primeiras fases do nomadismo, os membros da tribo têm ainda uma parte autônoma nas ações destinadas a influenciar o curso da natureza. Os homens rastreiam a caça, as mulheres cuidam do trabalho que pode ser feito sem um comando rígido. Quanta violência foi necessária antes que as pessoas se acostumassem a uma coordenação tão simples como essa é impossível determinar. Nela o mundo já está dividido numa esfera de poder e numa esfera profana. Nela, o curso da natureza enquanto eflúvio do mana já está erigido em norma, que exige a submissão¹⁹.

Para os autores, o movimento de desencantamento do mundo não foi concluído, somente deslocou o poder das mãos dos sacerdotes para “o controle dos intelectualmente esclarecidos”²⁰. Pierre Bourdieu²¹ trata uma ideia semelhante dentro do ambiente religioso sob o conceito de “expropriação”, cuja tese se orienta para a constatação de que os leigos produzem o saber sagrado, enquanto os especialistas se apropriam de tal conhecimento elaborando uma teologia, para em seguida devolver como mercadoria com valor de troca apropriado para a comercialização. O próprio esclarecimento é tratado como mito, porém com efeitos mágicos que são voltados em momento tardio para a realidade do fetichismo no setor cultural da indústria. A obra *Dialética do esclarecimento* de Adorno e Horkheimer, publicada a primeira vez em 1947 com a publicação para o público alemão em 1947, apresenta uma crítica aos meios de comunicação e a sua relação com os interesses políticos e econômicos de que os detém. O surgimento do rádio e da TV, bem como do modo américa de viver (*American Way of Life*) moldam o comportamento dos indivíduos de tal forma que o entretenimento marcado pelas programações ganham espaço amplo no momento de descanso e apaziguamento do trabalhador. Contudo, a indústria cultural,

¹⁶ WEBER, Max. *Economía y sociedad: Esbozo de sociología comprensiva*. trad. José M. Echavarría... [et al]. México: Fondo de Cultura Económica, 2002. p. 1119.

¹⁷ LUKÁCS, György. *História e consciência de classe: Estudos sobre a dialética marxista*. trad. Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 194.

¹⁸ HONNETH, Axel. *Reificação: Um estudo de teoria do reconhecimento*. Tradução de Rúrion Melo. São Paulo: Unesp, 2018. p. 35.

¹⁹ ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.34.

²⁰ ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 33.

²¹ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 46-45.

difundida pelos meios radiofônicos inicialmente e depois através da TV, suscitou a cultura da propaganda e da difusão dos interesses de quem detém os meios de comunicação moldando a opinião pública a tais interesses por meio do mecanismo de repetição (*plugging*) que gera a submissão do sujeito aos mecanismos do sistema, uma adesão passiva e sem a possibilidade de réplicas para os conteúdos difundidos por esses meios culturais de massa.

Segundo dados históricos, a primeira transmissão de rádio no Brasil aconteceu no dia 7 de setembro de 1922, no centenário da independência do país²². A primeira emissora de rádio oficial do país foi A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro cuja fundação foi em 20 de abril de 1923. A transmissão alcançou algumas cidades da região Sudeste. Já a TV, atribui-se a data de 18 de setembro de 1950 com o surgimento da TV Tupi de propriedade de Assis Chateaubriand de São Paulo²³. Na ocasião, artistas como Hebe Camargo e Lima Duarte estavam presentes nas primeiras programações. Com o decorrer dos anos, os canais de televisão se desenvolveram e posteriormente novos canais surgiram para dominar a audiência do público, consolidando esses Meios de Comunicação de Massa no Brasil.

Após a consolidação de canais de TV como o grupo Globo e o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) na última virada de século, a religião começou a se fazer presente em algumas emissoras a partir de programas em dias específicos de ritos de religiões cristãs sejam católicas ou evangélicas. A partir da segunda década do século XXI, nos espaços televisivos e de rádio no Brasil, não somente os programas religiosos ocuparam espaço na grade de programação, mas lideranças religiosas começaram a ter a posse de canais em ambos os meios de comunicação. Percebeu-se que as emissoras, cujo proprietário era um líder religioso, confirmaram o que se percebe desde a recente democracia, no que diz respeito às influências do discurso religioso através desses meios de comunicação para o encaminhamento do resultado de eleições, como a de 2018 para o cargo de presidente. E o presente estudo faz o recorte da influência (neo) pentecostal para esse processo. Não foi apenas no parlamento que os evangélicos se inseriram enquanto bancada, mas também no setor cultural a partir de concessões políticas que possibilitariam a difusão em massa da palavra de Deus através das pregações e também da reprodução das músicas do gênero gospel. Mas fica evidente que não é somente a sagrada escritura que se torna o objetivo dessas rádios, mas, em alguns casos particulares, lucrar a partir da propaganda de sua visão de mundo.

Para fundamentar o papel da música nessa dinâmica, resgata-se o que foi supracitado a respeito da reificação e fetichismo cultural. Uma consideração marcante dentro do meio evangélico brasileiro é a separação entre música gospel e música secular como estilos diferentes, porém, entende-se que dentro da lógica de racionalização da música como demonstra Weber²⁴ nos *Fundamentos racionais e sociológicos da música*, toda música contemporânea segue o processo de saída do sistema modal de composição a um paradigma tonal, isto é, as composições seguem um modelo racionalizado que leva em conta todos os sons possíveis de uma escala.

²² FERRARETTO, Luiz Artur. De 1919 a 1923: os primeiros momentos do rádio no Brasil. *Revista Brasileira de História da Mídia*, v. 3, n. 1, p. 11–30, jan./jun. 2014. P. 13. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/download/3961/2299>. Acesso em: 29 maio 2025.

²³ CORRÊA, Clarissa Moura. A televisão brasileira. In: *Comunicação e cultura midiática: ensaios sobre televisão e telenovela*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010. p. 9. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/8767/8767_3.PDF. Acesso em: 29 maio 2025.

²⁴ WEBER, 2002, p. 1119-1183.

A escala atual conta com doze sons, mas algumas escalas “não-racionalizadas” não conseguiam captar mais que sete sons por vezes. Todas as músicas, inclusive as evangélicas, seguem esse paradigma tonal, mesmo diante dos esforços de distanciamento da cultura “mundana”. Isso significa que a racionalização da música contou com a captação das doze frequências possíveis. É uma proposição universal afirmativa que é possível. Grande parte dessas composições, bem como os monopólios dos meios de difusão, são gerenciados por personalidades do segmento pentecostal ou neopentecostal e a música gospel também se insere no modelo fetichista e ligeiro de composição no contexto da racionalidade instrumental.

O rádio e a televisão estão no domínio do capitalismo monopolista. A religião tradicional declinou. Duarte²⁵ aponta que há uma agregação ideológica entre os segmentos da indústria cultural, tais como: cinema, rádio, revistas ilustradas, dentre outros. Tal exemplo de produção artística remete à origem comum da religião e do esclarecimento que conseguem por meio das novas artes reproduzir seus respectivos interesses. Em estado de resistência dialética nos contextos dogmáticos surge o conceito de arte autônoma, que se aprimora sem os preceitos de uma nova estrutura semiótica do belo com fins diversos. A proposta de Adorno sobre a arte preza por uma autonomia de sua composição, no entanto, em uma dialética com a religião é possível a perda dessa autonomia.

O conceito de Imagem (*Bild*) é fundamental para se entender a dinâmica de dominação das consciências pelos meios de difusão. A realização do domínio da consciência individual se dá pela categoria do esquematismo kantiano. Primeiramente, em sua crítica transcendental, admite que não é possível um princípio racional capaz de possibilitar o conceito de um objeto. A resposta para o problema é que não pode ser uma categoria, pois essa classe não contém nada de empírico, criando uma peculiaridade para o juízo do gosto. “O juízo do gosto distingue-se do juízo lógico no fato de que o último subsume uma representação a conceitos do objeto, enquanto o primeiro não subsume absolutamente a um conceito.”²⁶ O resultado disso é apontado por Duarte²⁷: a ideia de esquematismo é uma condição formal de apreensão da multiplicidade com natureza semelhante à categoria, apesar de não ser uma; possui uma característica universal com regra *a priori*, isto é, anterior à experiência; é um método humano de comensurar a imagem no conceito; está relacionado a objetos e seus significados.

Após compreender o esquematismo enquanto peculiar ao sujeito, precisa-se entender que a capacidade de interpretação dos dados que chegam aos sentidos é usurpada pela indústria cultural.

Em seu lazer, as pessoas devem se orientar por essa unidade que caracteriza a produção. A função que o esquematismo kantiano ainda atribuía ao sujeito, a saber, referir de antemão a multiplicidade sensível aos conceitos fundamentais, é tomada ao sujeito pela indústria. O esquematismo é o primeiro serviço por ela prestado ao cliente²⁸.

Muitos são os conceitos que podem servir de base para a teoria crítica das rádios evangélicas enquanto difusoras da ideologia institucional. A noção do esquematismo serve para remeter à cultura evangélica brasileira. Tudo que possa fugir ao padrão será considerado indômito,

²⁵ DUARTE, 2009, p. 25.

²⁶ KANT, 2002, p. 133.

²⁷ DUARTE, 2009, p. 54.

²⁸ ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 117.

que na linguagem própria do grupo citado se entende por disseminação de heresia. Entende-se que não é possível afirmar que toda a cultura evangélica brasileira esteve totalmente atrelada à política e à dominação através de estratégias bem articuladas em vários setores da sociedade. A representação política, a disseminação da cosmovisão protestante no Brasil já esteve ligada ao institucional tão somente, porém alguns estudos demonstram que tal postura se transformou no decorrer do tempo e a divisão sagrado e profano se confunde de tal modo que ambientes que poderiam ser considerados seculares contam com a participação desses atores religiosos. Para compreender essa situação hodierna, faz-se um estudo sobre a história dos pentecostais e neopentecostais no Brasil até o momento das suas inserções na esfera pública.

Influência (neo)pentecostal no Brasil

Na tentativa de compreender a história do movimento pentecostal no Brasil, nos limites da proposição desse artigo, optamos por destacar as principais mudanças históricas que ocorreram no seu dinamismo, com ênfase na ruptura com asceticismo, bem como, o modo de inserção na sociedade, e na sua mensagem religiosa e política que foram frutos de uma teologia importada, como destaca Ricardo Mariano²⁹ em seu livro: “Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo brasileiro”, dentre outras coisas, o autor apresenta as tipologias das formações pentecostais, tomando de empréstimo a metáfora das três ondas do pentecostalismo brasileiro, que são elas: pentecostalismo clássico, deuteropentecostalismo e neopentecostalismo, onde Freston³⁰ entende:

“O Pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história de três ondas de implantação de igrejas. A primeira onda é a década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã (1910) e da Assembléia de Deus (1911) (...) A Segunda onda pentecostal é dos anos 1950 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil Para Cristo (1955) e Deus É Amor (1962). O contexto dessa pulverização é paulista. A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Suas principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980) (...) O contexto é fundamentalmente carioca”.

Nossa intenção é apresentar substanciais mudanças metaforizadas pelas três ondas pentecostais, para que nos ajude a entender o pentecostalismo brasileiro e a força da influência política e cultural de uma teologia importada do norte da América nos movimentos pentecostais no Brasil, que para esse estudo condensaremos sua identificação, independentemente da sua tipologia, logo, sua diferenciação, enquanto (Neo)pentecostais, como em um grande guarda-chuva, para que facilite nossa reflexão.

Dito isso, em nosso país o pentecostalismo ao longo de sua história segue com sua constante transformação e esses múltiplos formatos: eclesiais; doutrinários; formas de inserção social; estratégias de evangelização, que dá ao movimento pentecostal um aspecto heterogêneo,

²⁹ MARIANO, Ricardo. *Neopentecospais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

³⁰ FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. Campinas: Tese (doutorado em Sociologia). IFCH, UNICAMP, Campinas, 1993.

o que justifica Campos³¹, entender que o mais sensato quando ao se referir a esse movimento religioso, que seja descrita no plural, portanto; movimentos pentecostais.

O principal demarcador dessa expressão religiosa é a crença no continuísmo dos dons espirituais tendo como referência o dia de Pentecostes narrado no livro de atos dos apóstolos (At 2:4), a referida narrativa bíblica relata a ação sobrenatural, entendida como o revestimento de poder vinda do alto sobre a vida dos apóstolos, esse evento é interpretado, pelos pentecostais como o “batismo com o Espírito Santo”, evidenciadas no falar em línguas estranhas (glossolalia), vale destacar, que essa compreensão não se estabelece exatamente com o mesmo contorno interpretativo nas múltiplas denominações pentecostais, mas nos ajuda a entender a sua performance religiosa, no que remete a importância da experiência extática. Uma percepção primordial que se deve considerar em qualquer abordagem referente ao movimento pentecostal é compreender que o preceito normativo do *ethos* pentecostal remete à vida apostólica, resultante da leitura performática que os pentecostais desenvolvem.

David Mesquiati de Oliveira³², quando analisa as formas como o pentecostal lê a bíblia, fazendo referências aos reavivamentos que surgiram ao longo do processo histórico do pentecostalismo, afirma que: “o fervor religioso abria espaços para posturas restauracionistas, que buscavam reviver a igreja no começo dos tempos do Novo Testamento. Nesse afã, alguns grupos começaram ler a bíblia e buscar respaldo para suas experiências”, por isso David Mesquiati de Oliveira³³ entende que um aspecto da leitura desenvolvida pelo religioso pentecostal é a leitura performática³⁴, que ele explica: “a leitura performática não fica presa ao conhecido [...] A performance possibilita a mescla entre vivência e ficção, e entre texto e biografia pessoal”, com isso a leitura performática, que o pentecostal estabelece, proporciona-lhe fazer a leitura bíblica e viver o que lê, em outros termos, é a leitura literal da bíblia, contudo, sendo o dia de Pentecostes o evento que sustenta a sua orientação religiosa.

Desse modo, com base nas pesquisas de Marina Correa³⁵, podemos entender que o pentecostalismo é um movimento religioso que despontou nos Estados Unidos, por volta do início do século XX, trazendo sua diferenciação do protestantismo, já que os pentecostais passam a acreditar na contemporaneidade dos dons espirituais, e do milagre da cura, por exemplo. Assim, o pentecostalismo tem sua origem nos movimentos avivalistas e a principal foi o “Avivamento da Rua Azusa”, que foi um, dentre vários importantes movimentos avivalistas da história pentecostal. Este movimento foi liderado pelo negro William Joseph Seymour (1880-1922), filho de ex-escravizados, ele que liderou a “Missão da Fé Apostólica”, que contribuiu para que o pentecostalismo ganhasse o mundo afora.

Diante disso, o movimento pentecostal explodiu para o mundo, chegando ao Brasil por intermédio do missionário Louis Francescon, em 1910, dando origem à Congregação Cristã no

³¹ CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco estudada, *Revista USP*, 67, p. 100-115, 2005, p. 102.

³² OLIVEIRA, David Mesquiati. A leitura bíblica dos pentecostais e a noção de performance. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, v. 17, p. 119-140, 2017, p. 126.

³³ Oliveira, 2017, p. 123.

³⁴ A *leitura performática* é uma leitura pelo qual o leitor exerce uma postura mais ativa do que lê, gerando uma performance do conteúdo compreendido com a leitura textual. De forma mais resumida, é dizer que o leitor viverá de forma prática aquilo que leu e achou interessante para sua prática de vida.

³⁵ CORREA, Marina A.O.S. *Assembleia de Deus: Ministério, Carisma e Exercício de Poder*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

Brasil e, no ano seguinte, em Belém do Pará, com a chegada dos missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, responsáveis pela fundação da Assembleia de Deus. Os três missionários tiveram base doutrinária comum, oriundas da Missão da Fé Apostólica, do líder William J. Seymour³⁶, embora os três missionários fossem seguidores de William Durhan, como nos aponta Leonildo Campos³⁷.

Nesse sentido, a primeira metade do século XX compõe o período do dito pentecostalismo clássico, a Congregação Cristã no Brasil e a Assembleia de Deus de forma hegemônica se expande em todo território nacional. Apesar de algumas diferenças, tinham em comum: membresia pobre, pouca escolaridade, radicalmente sectária e ascética, seus membros sofriam discriminação por parte dos protestantes históricos e pelo catolicismo. Ênfase no dom de língua e crença eminente da volta de Cristo³⁸. Seu fundamentalismo religioso e escatológico, justifica em um primeiro momento seu desprezo ao mundo, portanto, sua base ideológica sectária e escapista, sempre presou pelo aspecto fatalista da sociedade, sugerindo ao crente o perfil antipolítico, uma vez que a solução para tempos melhores se reservaria ao poder divino e não ao poder político, entendido por esse segmento religioso em outros tempos como coisa mundana³⁹.

Ao contrário do que vemos hoje, nesse primeiro momento, esses pentecostais não se envolviam em política partidária, uma vez que viam o mundo político partidário como um lugar que não era apropriado para o crente. É visível que a mistura de igreja e estado era vista de forma negativa, posto que a Igreja Católica era tradicionalmente envolvida nas decisões políticas brasileiras e estava presente em várias esferas públicas da sociedade na história do país. Esse cenário muda na década de 50, quando o pentecostal Antônio Torres Galvão se torna governador de Pernambuco, sendo o fundador da Assembleia de Deus no município de Abreu de Lima. O maranhense e presbítero pentecostal Salatiel Carvalho, recebeu concessão de Rádio⁴⁰ em troca de seu voto para provocar a eleição de José Sarney, o que confirma a validade deste estudo. Ao retornar um pouco no tempo, percebe-se que entre 1946 e 1987, 50 evangélicos exerceram 58 mandatos no congresso nacional, desses, menos de 5% eram pentecostais⁴¹. Em momentos anteriores era possível perceber que os líderes evangélicos nem sequer indicavam os seus candidatos. A tradição religiosa era de respeito à liberdade de consciência dos seus congregados. Com o passar dos anos, mais especificamente, a partir da campanha para eleição dos parlamentares ao Congresso de 1988, que seria investido de poderes constituintes, um segmento particular dos evangélicos, no caso, as Assembleias de Deus, resolveu se comportar como segmento corporativo e escolher seus representantes “oficiais” para comporem parte da Câmara de Deputados. O mais curioso é lembrar que essa denominação pentecostal se caracterizava, na primeira metade do século XX e, com menor intensidade, até meados dos anos de 1970, por considerar que a política era “coisa do Diabo” e, portanto, “não era lugar para os crentes”.

Atualmente, a Congregação Cristã no Brasil sofreu algumas mudanças nos seus usos e costumes, apesar de tentar manter sua tradição sectária. Já algumas Assembleias de Deus há algum

³⁶ CORREA, 2012, p. 41.

³⁷ CAMPOS, 2005, p. 112.

³⁸ MARIANO, 2014, p. 29.

³⁹ BAPTISTA, Saulo. *Pentecostais e neopentecostais na política brasileira: um estudo sobre cultura, política e atores coletivos religiosos no Brasil*. São Paulo: Annablume; Instituto Metodista Izabela Hendrix, 2009, p. 158.

⁴⁰ A rádio em questão é a Maranata FM, que foi fundada em 1990, que até hoje é uma importante rádio do seguimento Cristão/Gospel.

⁴¹ BAPTISTA, 2009, p. 151.

tempo acompanha muitas transformações da sociedade, como ingresso na política partidária e na TV, em busca de visibilidade pública e poder, seguindo o caminho da dessectarização⁴². As inúmeras aquisições de concessões de rádio e TV espalhadas pelo Brasil, que dentre inúmeras de suas proposições, apresentam sinais enquanto ferramenta de instrumentalização da religião em direção a esfera pública, dois exemplos que podemos citar são as dos influentes líderes das convenções assembleianas; ADVEC liderada pelo pastor Silas Malafaia e a CADB convenção presidida pelo pastor Samuel Câmara, ambas com fortes envolvimento políticos partidários.

A partir dos anos 50, com o resultado do trabalho missionário de duas estrelas do cinema norte-americano, Harold Williams e Raymond Boatright vinculados a *Church of The Four-square Gospel*, iniciasse a segunda onda. Responsáveis por trazerem para o Brasil as cruzadas nacionais de evangelização de massa com ênfase no milagre da cura divina. Difundidas por meio do rádio, que até então eram vistas como algo mundano e diabólico, causou escândalos a vários pentecostais. Os novos métodos de evangelização: em tendas, praças públicas, estádios de futebol, deu visibilidade pela primeira vez ao pentecostalismo no Brasil, um dos resultados foi a fragmentação denominacional do pentecostalismo, e o surgimento de novas igrejas como: Quadrangular em 1951, Deus é Amor (1962)⁴³. Sobre esse momento do deuteropentecostalismo, Moisés Maciel⁴⁴ descreve:

Este movimento da segunda onda do pentecostalismo começa se distanciar do pentecostalismo clássico principalmente pela ênfase maior na cura divina do que no batismo com o Espírito Santo e no dom de línguas. Deste movimento nasceram no Brasil a Igreja Evangélica o Brasil para Cristo e a Igreja Pentecostal Deus é Amor resultantes de dissidências do pentecostalismo clássico (primeira onda). O movimento de segunda onda também é conhecido como deuteropentecostalismo.

Nesse sentido, a primeira onda deu destaque ao dom de língua, a segunda na cura divina e a terceira se deu na proeminência da batalha espiritual, teologia da prosperidade, com estrutura empresarial que rompe com o tradicional sectarismo e asceticismo dos pentecostais das duas primeiras ondas, essas igrejas de classe média e de cultura urbana se fortalecem na década de 80, e sem dúvida o de maior projeção recai sobre a Igreja Universal do Reino de Deus. Os neopentecostais potencializam ainda mais o uso dos meios de comunicação de massa e a participação de política partidária. Ricardo Mariano, nos chama atenção para o fato de que as diferenças entre a primeira e segunda onda, não são tão expressivas na dimensão teológica, por exemplo, no entanto, o neopentecostalismo o corte histórico se refere as fortes mudanças: comportamental, social e teológica. E que agora esse neopentecostalismo se constitui pela primeira vez como modelo pentecostal de afirmação no mundo⁴⁵.

A essa altura a ala conservadora e fundamentalista de evangélicos, já existente, ganha força, esse alinhamento que defendeu a ditadura civil-militar no Brasil e que esteve ligado aos interesses de uma elite colonial que ainda comandava o país. Como o período do regime estava no mesmo contexto da guerra fria, a caça aos partidos comunistas foi muito comum, pois a nação

⁴² MARIANO, 2019, p.30.

⁴³ MARIANO, 2019, p.30.

⁴⁴ MACIEL, Moisés Brasil et al. *Pneumatologia do (neo) pentecostalismo brasileiro: convergências, divergências e a proposta de um pós-pentecostalismo*. 2023, p.64.

⁴⁵ MARIANO, 2014, p.37.

mais próxima ao Brasil no pacto da interdependência, ou seja, os Estados Unidos da América, não tinha interesse que movimentos comunistas ganhassem força a ponto de tomar o território.

No dizer de Baptista⁴⁶, foi a partir de 1978 que se viu candidaturas às assembleias legislativas e para as câmaras dos vereadores. A visão de mundo que segue a partir de então é esta: “crente vota em crente”. A partir de então surgem personalidades como Mário Oliveira da Igreja do Evangelho Quadrangular de Minas Gerais e José Fernandes da Assembleia de Deus do Amazonas, que foram eleitos deputados federais desses estados da federação. A mudança de cenário é significativa a partir das eleições de 1986.

Vale lembrar que esse processo de inserção dos pentecostais nesse contexto de reabertura democrática foi de algum modo instigado pelo clima que se criou frente à elaboração da nova Carta Magna, na qual os boatos acerca das perseguições aos crentes foram difundidos de norte a sul do país, como afirma Mariano:

[...] – como estopim de sua mobilização eleitoral e como fator de legitimação de sua participação na política partidária – decorreu da orquestração, pelas cúpulas eclesiais, sobretudo pela Assembleia de Deus, de um boato persecutório, que percorreu como um rastilho de pólvora os mais diferentes grupos pentecostais de norte a sul do país, acusando a liderança católica de pretender assegurar e ampliar, legalmente, privilégios institucionais para si na nova Carta Magna e, ao mesmo tempo, restringir, de alguma forma, a liberdade religiosa dos evangélicos⁴⁷.

Com a justificativa pautada na “síndrome persecutória”⁴⁸, os pentecostais conseguiram na eleição para Assembleia Nacional Constituinte (1987-1988), um crescimento na representatividade parlamentar de 900%⁴⁹, dessa maneira dando início à formação da “bancada evangélica”. Muitos acreditavam, como o candidato João de Deus Antunes, expressando sua visão escatológica do “final dos tempos”, que a constituição poderia ser a última, “antes de Jesus Cristo voltar”. A participação de pentecostais na esfera pública aumentou a partir da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, com destaque para o estímulo dos deputados federais Íris Resende e Daso Coimbra, os quais, embora não fossem pentecostais, recomendaram aos pastores das Assembleias de Deus, reunidos em Convenção Nacional, para a necessidade e a importância da participação dos assembleianos no novo Congresso brasileiro, com o lançamento de candidaturas, enquanto fator fundamental para os evangélicos obterem poderes na elaboração da nova constituição⁵⁰. Todo esse envolvimento suscitou campanhas para candidatos dessas instituições, pelas quais obtiveram êxito. O resultado não foi um incentivo à participação ativa dos evangélicos na política, mas uma submissão do caráter de cidadania à hierarquia imposta pela ala tradicional conservadora. A partir de então, sob uma perspectiva reacionária pregada por esses “conservadores” demonstrou interesse em apenas “votar em crente e não em ímpio”,

⁴⁶ BAPTISTA, 2009.

⁴⁷ MARIANO, Ricardo. *Pentecostais e Política no Brasil*. Com Ciência, v.65.2005. Disponível em <http://www.comciencia.br/reportagens/2005/05/13.shtml>. Acesso em 27/01/2025. p.n.

⁴⁸ MARIANO, 2015.

⁴⁹ O Congresso Constituinte de 1987-1988 foi um divisor de águas no que se refere à participação pentecostal no cenário político brasileiro, a exemplo disso a maior igreja pentecostal do Brasil, a Assembleia de Deus, conseguiu eleger 13 deputados, enquanto na legislatura anterior exercia apenas um representante. (BAPTISTA, 2009, p. 21).

⁵⁰ BATISTA, 2009, p. 153.

somado a um contexto de mudança na paisagem religiosa brasileira com o crescimento dos evangélicos⁵¹, resultou que “em apenas cinco anos (1987-92), os pentecostais tiveram nove vezes mais parlamentares do que em 54 anos anteriores (1933-87). Essa participação saltou de 6% para 55% nos períodos referidos. Ou de 5% para 57%, se forem considerados os mandatos exercidos.” Percebe-se que, como já havia apontado Weber na *Ética protestante e o espírito do capitalismo*⁵², os líderes evangélicos possuem capital familiar e capital econômico, que mantém laços familiares dentro da esfera de poder institucional, ou mesmo são portadores de um carisma fundamental para a pregação em púlpito.

Alguns fatos recentes comprovam que o movimento pentecostal no Brasil ganhou força, inclusive nos meios de comunicação. O *impeachment* recente da presidente Dilma Rousseff comprovou o poder que os meios de comunicação de massa exerceram sobre o panorama político do país⁵³. O reconhecido golpe de estado, que ocorreu no ano de 2016, contou com a participação de setores conservadores dos evangélicos brasileiros. O movimento contínuo de difusão de notícias que vilipendiavam o governo da presidente foi fundamental. A visão de uma presidente incompetente foi difundida em detrimento da informação de que desde o ano de 2014 a oposição vinha se articulando de tal modo que setores televisivos, inclusive de propriedade religiosa, fomentaram o aviltamento do governo de Rousseff através dos noticiários. Entende-se, portanto, que o papel da televisão, mesmo na era de difusão virtual, vem sendo fundamental para moldar os pensamentos de acordo com a visão de mundo de seus proprietários.

O principal exemplo que pode ser dado no contexto das eleições de 2018, foram entrevistas concedidas pelo presidente eleito Jair Bolsonaro com exclusividade à Rede Record de Televisão. A emissora entrevistava teve o então candidato à presidência, enquanto esse faltava, estrategicamente, aos debates televisivos de outras emissoras, alegando motivos de saúde, relacionados ao atentado que sofreu na cidade mineira de Juiz de Fora, durante a campanha presidencial. A marca que se registra aqui é que a Emissora, estabelecida como espaço exclusivo do candidato, é dirigida pelo líder da Igreja Universal do Reino de Deus. Não se pode perder de vista que Rede Record e Bolsonaro tinham interesses em comum, visto que sua principal concorrente, Rede Globo, se tornou um dos principais meios de comunicação críticos de Bolsonaro. Nota-se que a parte conservadora dos evangélicos pentecostais apoiou o presidente eleito, de tal forma que os meios de comunicação que são dirigidos por líderes evangélicos exercem, há tempos, o papel de difusor das ideologias amplamente difundidas pelo atual presidente, discriminando movimentos sociais e religiosos. As pautas principais da ala conservadora evangélica são principalmente as seguintes: proibição do aborto, em qualquer situação⁵⁴, e demonização da população LGBTQ e de religiões de matriz africana. Para isso, notou-se um apoio explícito

⁵¹ Tendo como referência dados estatísticos oficiais do IBGE, bem como, na abordagem do historiador Sébastien Fath, o antropólogo Ari Pedro Oro (2020, p.71) demonstra o crescimento dos evangélicos em termos percentuais na seguinte linha ascendente: 1970 (5,2%), 1980 (6,6%) 1990 (9,5%), 2000 (15,4%) 2010 (22,1%).

⁵² WEBER. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. trad. Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.

⁵³ CARVALHAES, C; BARRETO, R. Deus e o impeachment no Brasil. In: LELLIS, Nelson (org.). *Religião e política à brasileira: ensaios sobre trajetórias políticas de uma sociedade bravamente religiosa*. São Paulo: Terceira Via, 2017, p. 79-94.

⁵⁴ Ainda que Edir Macedo tenha um posicionamento contrário, pois em um culto para cerca de 144mil pessoas defendeu abertamente a legalização do aborto. Acessado em: 30/05/2025 <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc061006.htm>

da referida emissora ao candidato a presidente, mesmo no período em que o mesmo alegava estar impossibilitado de comparecer aos debates.

Com o avanço acelerado dos pentecostais no Brasil, a configuração do jogo político teve algumas alterações em um sentido de “aspirações constantinianas”⁵⁵, dada a atual força política que os pentecostais agregaram nos últimos anos, a qual é tratada pelo jornalista Bob Fernandes⁵⁶ da seguinte forma:

Com o vertiginoso crescimento das igrejas pentecostais ou neopentecostais, presidente e políticos em geral passaram a bajular ou temer esse poder, essa força social, econômica, obviamente de enorme e crescente poder midiático-político-eleitoral. Da mesma forma que por séculos bajularam, temeram e se aliaram ou se renderam ao poder da Igreja Católica.

Nesse sentido, justifica-se dentro desse processo de militarização política dos pentecostais, a presença das “verborragias da Idade Média”⁵⁷.

Contudo, nossa reflexão é, que apesar de sabermos das inúmeras diferenças que ainda perduram entres os evangélicos pentecostais, é fácil percebermos que atualmente com o crescimento do pentecostalismo no Brasil, uma “nova teologia” permeadas de variadas contradições para com a história pentecostal, ganha espaço, que é a teologia do domínio, um projeto político de poder desenvolvido sob a regência do fundamentalismo religioso.

A teologia do domínio ou dominionismo, são ideologias políticas que buscam a todo custo, subordinar a dimensão da esfera pública aos interesses religiosos dos cristãos, sobretudo, neopentecostal. Essa compreensão parte da literalidade do texto de Gênesis 1,28: “Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra”, a condução hermenêutica que se dá para a narrativa base de difusão da ideologia política do dominionismo, confia ao cristão a missão de dominar o mundo e os assuntos civís. Uma completa contradição ao sectarismo do pentecostal de outros tempos.

Agora, por influência dessa ideologia política/religiosa, e pelo resultado da leitura performativa da bíblia, muitos pentecostais se vêm na missão conservadora de pôr em prática seu aparelhamento político com tudo aquilo que sua visão de mundo aponte para o “bem” em um contexto dualista da guerra espiritual, ou seja, o contraditório vista como o “mal”, ou do diábo. No artigo: “Religião e Poder: a Ascensão de um Projeto de ‘Nação Evangélica’ no Brasil?” o pesquisador Guilherme Casarões⁵⁸, relata:

A teologia do domínio, por sua vez, pressupõe que Deus e o diabo se encontram em conflito permanente, tanto no plano espiritual quanto no terreno, sobre o controle do mundo. A tarefa do cristão, nesse contexto, seria não somente a obediência aos mandamentos bíblicos, mas também a guerra incansável contra demônios que se manifestam na cultura e nas artes, na educação, na imprensa, nos negócios, na política, na família e na própria religião.

⁵⁵ BAPTISTA, 2009, p. 164.

⁵⁶ FERNANDES, Bob. “E agora vamos aos comentários de política”. In: Nelson Lellis (org). *Religião e Política à Brasileira*. 1ed. São Paulo: Edições Terceira Via, 2018, v.1, p. 11-17. 2008, p. 12.

⁵⁷ FERNANDES, 2018, p. 16.

⁵⁸ CASARÕES, Guilherme. Religião e poder: a ascensão de um projeto de nação evangélica no Brasil. *Revista Interesse Nacional*, v. 13, n. 49, p. 9-16, 2020, p. 9.

Avesso ao sentimento laico e democrático se apropriando dessa ideologia política, muitos pertencentes as classes dirigentes de diversificadas igrejas pentecostais, toma de assalto, variadas denominações as aparelhando politicamente com o radicalismo político da extrema direita, onde nesse caso, o rádio e a televisão passa exercer papel importante para essa terrível missão, que nos faz refletir sobre as fronteiras mal definidas entre o que é de interesse público e privado, contudo, desmostrando o quanto se torna necessário para a compreensão dessas fronteiras o fortalecimento dos princípios de laicidade na estrutura burocrática em um Estado Democrático de Direito.

Os meios de difusão evangélicos no Brasil

Percebeu-se que, apesar de não serem o campo principal de propaganda política em 2018, os meios de difusão tradicionais televisivos, em especial a emissora supracitada, exerceram profunda influência sobre as eleições do ano de 2018. Nota-se que uma ala conservadora das congregações pentecostais foram uma raiz importante para a eleição do presidente Bolsonaro pelos diversos meios possíveis, dentre eles os meios de comunicação que interessam a este estudo particular. A presença do religioso no espaço público e o seu reconhecimento enquanto cidadão deste mundo foram fundamentais para que o referido processo de difusão ideológica da noção de batalha espiritual e evangelho da prosperidade se concretizassem no espaço público dos meios de comunicação de massa tradicionais. Estudos recentes apontam isso.

Entretanto, há um lugar consolidado das religiões no espaço público brasileiro, que delinea as formas de relação entre religião e política no país e vai muito além da participação político partidária [...]; participação das religiões na economia, não só com o comércio interno de produtos das religiões, mas com o crescimento das ofertas do entretenimento religioso (turismo e lazer em torno da religião); intensa presença em todas as mídias⁵⁹.

O entretenimento é uma categoria apresentada por Adorno e Horkheimer⁶⁰ no texto sobre a indústria cultural, enquanto o extremo que toca a arte, mas não é sua síntese. Vê-se a produção de músicas ligeiras com o fim de louvar a Deus a partir de tonalidades repetitivas de uma escala cromática racionalizada, a venda de produtos religiosos e a purificação da alma, dentre outras características que são levadas para a casa de todos os brasileiros todos os dias, tudo sob a promessa de uma prosperidade instantânea mediante a fé do ouvinte. Tais atributos dão motivos para entender que a primeira geração de Frankfurt não é algo superado, pois o esquematismo industrial se faz presente, inclusive em ambientes reconhecidos como sagrados e que pouco se ligavam com as “coisas do mundo”. No dizer de Cunha⁶¹, os pastores conservadores no meio evangélico por vezes se sustentam com o argumento de serem pertencentes aos novos tempos em que a religião tem como aliados o mercado e as tecnologias. No rádio e televisão isso é evidente. O argumento mais defendido é a possibilidade de difusão da palavra de Deus para o maior número de pessoas possíveis.

⁵⁹ CUNHA, M, N. Entre dúvidas e perplexidades: os evangélicos e a relação entre religião e política no atual contexto brasileiro. In: LELLIS, Nelson (org.). *Religião e política à brasileira: ensaios sobre trajetórias políticas de uma sociedade bravamente religiosa*. São Paulo: Terceira Via, 2017, p. 104.

⁶⁰ ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 113.

⁶¹ CUNHA, 2017, p. 104.

Abaixo serão apresentadas algumas emissoras de rádio e televisão que se dedicam à difusão da cultura evangélica/pentecostal “moderna” no Brasil. O recorte foi feito para as frequências que foram captadas no mês de dezembro de 2018 na cidade de Belém do Pará, por meios de difusão “abertos” do rádio e da televisão. Tal recorte foi feito no período referido por estar inserido com contexto do mestrado dos autores do presente artigo. Por conta de o alcance na captação de frequência ser limitado no aparelho usado, esse recorte foi feito, pois não havia um tempo disponível suficiente para escutar e observar emissoras de outras cidades. Essa observação deveria ser executada em um tempo limitado, pois o presente trabalho serviria como requisito avaliativo da disciplina “religião e política” no mestrado em ciências da religião da Universidade do Estado Pará.

A primeira emissora pentecostal captada pela rádio foi a 95,9 MHz, conhecida como Rádio Liberdade, na qual, durante uma pregação às 13 h do dia 11 de dezembro, um homem disse que havia conseguido um milagre, pois havia conseguido uma moto. Outra participante, uma moça, com o mesmo argumento disse tinha sido agraciada porque tinha conseguido vender uma quantidade superior de peças na sua loja de roupas íntimas femininas. O missionário Bráulio Gusmão era quem dirigia a programação nesse horário. A convocação para um culto na grande Belém foi feita, dizendo em seguida que havia um espírito de inveja do diabo, que estava afetando a vida da mulher supracitada. Segundo o locutor, os fatos que ocorriam nos cultos eram os milagres de Deus. A promessa de uma intervenção de Deus pelo Espírito Santo foi algo revelado constantemente. Um fato curioso foi o de que às 13:20h uma voz feminina convocou inclusive pessoas de outras religiões para o culto. Diversos milagres foram anunciados nos minutos seguintes, citando inclusive o termo “macumbaria” contra religiões de matriz africana.

A rádio Rede Aleluia, de frequência 98,5 MHz, anunciou o nome da Igreja Universal do Reino de Deus. O discurso, por volta de 13:30h, contou a história de um rapaz que se auto-declarou “fracassado” na sua juventude. Ele falou que, quando ouviu falar da referida igreja, disse que foi o ambiente onde encontrou o Espírito Santo e que, a partir daí, mudou de vida financeira. Citou que teria certeza de que tudo iria dar certo em sua vida a partir de então. Disse que a “fogueira santa de Israel”⁶² foi fundamental para a sua salvação. Sua prosperidade veio porque, atualmente, tinha conseguido chegar a uma condição de comprar o que quisesse e comer onde quisesse, pois sua vida era próspera com o Espírito Santo. O discurso posterior de um homem não identificado serviu para informar que o rapaz que deu o testemunho tinha somente a terceira série do ensino fundamental, mas sua vida tinha o Espírito Santo, portanto o estudo não interessa, qualquer um pode prosperar. A frase marcante da fala foi quando o homem disse “para quem tem o Espírito Santo, não precisa de estudo”, o que foi seguido novamente da ideia de que a vida próspera está ligada ao fogo do Espírito Santo. Depois uma mulher comentou que *fake news* são obras do diabo, relatando que notícias envolvendo o Bispo Macedo na época em que foi preso, no ano de 1992, eram um exemplo de notícias falsas sobre o líder evangélico. Sua resposta foi a de que as calúnias feitas por outras emissoras contra o bispo eram mentiras pois foi com uma pregação dele sobre o Espírito Santo que ela conseguiu entender que sua vida era um vazio e que todas as acusações eram falsas.

⁶² Trata-se de uma campanha de arrecadação de dinheiro e bens que a Igreja Universal do Reino de Deus realiza em seus templos.

No mesmo dia, a Rádio Liberdade da Igreja Evangelho Quadrangular de frequência FM 95,9, às 14 h, estava tocando hinos evangélicos. Primeiramente tocou a música “Cheios de alegria” de Ana Nóbrega, depois tocou a música “O dom” de André Valadão – que repetia diversas vezes o refrão “tu tens o dom Senhor” – foram as músicas que abriram o programa do horário. Em seguida tocou “deixa o céu descer” da banda Quatro por um, que contém seis acordes dentro da tonalidade de Fá sustenido (F#). A rádio de frequência FM 91,9 MHz de nome Rádio Boas Novas, da Assembleia de Deus, tocou às 14h31min h a música “Prosperarei” de Marcelo Nascimento, que seguia uma tonalidade de Sol maior com dez acordes no total. Em seguida, tocou a música “Renovo” de Sarah Farias, às 14:35 h, na tonalidade de lá maior (A) com nove acordes. Em seguida alguns anúncios de missões para Israel foram divulgados pelo locutor.

A rádio 89,5 MHz, de nome “Rádio Amazônia Viva FM”, foi outra rádio evangélica que por volta de 15 h tocava músicas como: “Louvor e honra” de Maurício Paes, em lá sustenido (A#) com seis acordes, em uma reprodução ao vivo de louvor. Posteriormente tocou a música “Sua Ausência, Pai” da cantora Beatriz. No intervalo, alguns eventos foram anunciados nos comerciais. Tratava-se do III Congresso Pentecostal Assembleia de Deus Ministério de Madureira, no bairro de Canudos, em Belém. No momento, as programações estavam totalmente voltadas para eventos da Assembleia de Deus.

A rádio “Novo Tempo”, de frequência AM 1080, perto das 16 h tinha uma peculiaridade. Um programa nacional estava no ar com um debate sobre como usar o décimo terceiro salário. Ao fim do programa, tocou a música “Morada” de Eli Soares, com um material estético musical em dó maior (C), com quatro acordes, com destaque para uma marcação dissonante em Fá: F5 (7M/9). Posteriormente, uma música desconhecida tocou, cujo tema abordava a preparação da família para o momento da volta de Jesus. Em seguida, tocou a música “Em oração”, de Moisés Cardoso, cujo material estético se encontrava em ré maior (D) com um total de sete acordes.

Uma rádio não foi detectada na primeira pesquisa de frequência FM. Foi o caso da rádio de frequência 104.1 MHz, cujo nome foi anunciado como Rádio Deus é Amor, Ananindeua.

A exemplo do rádio, algumas emissoras de TV são dirigidas por instituições evangélicas. Apesar de existirem três canais, que são assumidamente católicos na cidade de Belém (Rede Vida, TV Aparecida e TV Nazaré), é visível a programação evangélica em canais que não são propriamente para esse objetivo, como programações religiosas em emissoras que não possuem tal fim. O levantamento desses canais foi feito no dia 12 de dezembro de 2018, portanto após o desligamento do sinal analógico na cidade, que ocorreu no dia 30 de maio do mesmo ano.

Um grande exemplo de emissora que não é evangélica, porém abre para programação religiosa é a TV RBA, canal 13, que por volta das 14:30 exibia uma programação ligada à Igreja Universal do Reino de Deus. No entanto, a primeira emissora da lista numérica de canais da cidade é a TV Boas Novas, canal 4, que possui sinal digital e com uma programação voltada para a evangelização e estudos bíblicos, com telejornais em horários vespertinos e programação gospel no período noturno. Conforme já citado, a Rede Record de Televisão pertence à Igreja Universal do Reino de Deus. Durante a tarde predominam nessa emissora noticiários que abordavam o crime na região metropolitana de Belém. Durante a noite, se destacam o telejornal e as novelas bíblicas. Dessas últimas, destacaram-se as novelas: “Os dez mandamentos” e a “Terra prometida”; ambas foram líderes de audiências entre os anos de 2015 e 2016. Em seguida, outra emissora foi detectada com sinal digital na capital paraense. Trata-se da RIT TV (Rede Internacional de Televisão), canal 38, que é ligada ao grupo religioso da Igreja Internacional da Graça

de Deus, sob a gestão da Fundação Internacional de Comunicação. Possui uma programação diversificada de tal forma que cultos são conciliados com programações comuns. O Missionário Soares possui programação na emissora, com o Show da Fé, todos os dias. Por fim, a última emissora seguindo a ordem é a TV Novo Tempo, canal 54, que pertence à Igreja Adventista do Sétimo Dia, que possui uma programação diversificada, mesclando programação comum e religiosa. Enfatizamos, ainda que a Novo Tempo não seja de propriedade de uma instituição religiosa pentecostal, compreendemos que boa parte de seu público pertence a esse segmento religioso.

Considerações finais

A partir das considerações que discurremos é possível entender que no processo de industrialização dos bens culturais e do surgimento dos meios de comunicação de massa, pode-se dizer que o rádio brasileiro não está situado além ou aquém dos que foram abordados por Adorno e Horkheimer, durante a primeira geração da Escola de Frankfurt. Os movimentos pentecostais se inseriram na lógica do setor cultural, através do reconhecimento gradativo de que a sua participação ativa na cidadania brasileira seria importante para difundir o evangelho e, portanto, a sua cosmovisão. Aparecem como elementos desse espaço público democrático os meios de comunicação que exercem um papel importante para a difusão da “palavra de Deus”.

Percebe-se que, na incapacidade de réplica, dentre outros elementos tanto do rádio como da televisão, é difícil entender as rádios evangélicas fora do contexto da reprodutibilidade técnica das informações e da obra de arte, em especial a música. Percebe-se que, diante da possibilidade da difusão em massa das informações por esses meios, ficou mais fácil a expansão dos movimentos de evangelização e de cura por meio do Espírito Santo da “prosperidade”. Um evangelho que promete, dentre outras coisas, uma vida rica na dimensão econômica capitalista é um marco fundamental na *Weltanschauung*⁶³ de algumas confissões, o que confirma a afinidade eletiva entre o protestantismo e a lógica do capital, porém em um estágio em que não se esconde mais o segundo no ambiente sagrado.

A partir deste estudo, outros podem ser desenvolvidos, como a pesquisa sobre o conteúdo das rádios evangélicas, realizando uma comparação do que é difundido nesse setor público da instituição, é importante, com isso, considerar o fenômeno de migração dos (neo)pentecostais para os espaços antes considerados “do mundo” ou “seculares” e as devidas influências exercidas por esses grupos através desses espaços. As delimitações podem ser feitas ao eleger somente o rádio ou a televisão como campo de estudos para uma pesquisa mais profunda, ou fazer uma pesquisa sobre a disposição do material estético das músicas tocadas nesses ambientes. Em ambos, o referencial de Frankfurt se faz eficaz, pois aborda elementos do rádio e da televisão que não se reduzem ao material desinteressado que é difundido, mas investiga as intenções ou dominações sociais que se escondem por trás desses espaços públicos. Para isso, uma abordagem a partir da teoria crítica se faz eficaz desses meios pentecostais, na medida em que a mesma considere as raízes weberianas de seus pensamentos, em especial a racionalização do mundo e

⁶³ Visão de mundo.

a afinidade entre protestantismo e capitalismo; atente-se ao referencial de Marx⁶⁴ no conceito de fetichismo, porém aplicado à obra de arte; ao conceito de reificação de Lukács, e partindo de Hegel, uma reificação do espírito ou da consciência; e até mesmo na expropriação pela indústria cultural da percepção estética kantiana do “esquematismo”.

É importante o desenvolvimento de novos estudos a partir do novo tipo ideal que foi por menorizadamente tratado neste artigo, os (neo)pentecostais. Para além da categorização analítica desses grupos diversos que categoricamente possuem diferenças complexas, é preciso seguir o estudo de suas influências nos diversos espaço e como eles atuam para o desenvolvimento da sociedade brasileira no que diz respeito à importância desses atores sociais no espaço público brasileiro e quais mudanças a participação social efetiva desses grupos proporciona no novo cenário político nacional.

Referências

- ADORNO, T. W. & HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*: fragmentos filosóficos. trad. Guido Antonio de Almeida, Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ADORNO, T. W. O fetichismo na música e a regressão da audição. In: *Textos escolhidos*. Trad. Zeljko Loparic... [et al]. São Paulo: Nova Cultural, 1989. (Os Pensadores).
- BAPTISTA, Saulo. *Pentecostais e neopentecostais na política brasileira*: um estudo sobre cultura, política e atores coletivos religiosos no Brasil. São Paulo: Annablume; Instituto Metodista Izabela Hendrix, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco estudada, *Revista USP*, 67, p. 100-115, 2005.
- CARVALHAES, C; BARRETO, R. Deus e o impeachment no Brasil. In: LELLIS, Nelson (org.). *Religião e política à brasileira*: ensaios sobre trajetórias políticas de uma sociedade bravamente religiosa. São Paulo: Terceira Via, 2017.
- CASARÕES, Guilherme. *Religião e poder*: a ascensão de um projeto de nação evangélica no Brasil. *Revista Interesse Nacional*, v. 13, n. 49, p. 9-16, 2020.
- CORRÊA, Clarissa Moura. A televisão brasileira. In: *Comunicação e cultura midiática: ensaios sobre televisão e telenovela*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/8767/8767_3.PDF. Acesso em: 29 maio 2025.
- CORREA, Marina A.O.S. *Assembleia de Deus*: Ministério, Carisma e Exercício de Poder. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.
- CUNHA, M, N. Entre dúvidas e perplexidades: os evangélicos e a relação entre religião e política no atual contexto brasileiro. In: LELLIS, Nelson (org.). *Religião e política à brasileira*: ensaios sobre trajetórias políticas de uma sociedade bravamente religiosa. São Paulo: Terceira Via, 2017.
- DUARTE, R. *Teoria crítica da indústria cultural*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- FERRARETTO, Luiz Artur. De 1919 a 1923: os primeiros momentos do rádio no Brasil. *Revista Brasileira de História da Mídia*, v. 3, n. 1, p. 11–30, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/download/3961/2299>. Acesso em: 29 maio 2025.

⁶⁴ MARX, Karl. *O Capital*. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 45.

- FERNANDES, Bob. “E agora vamos aos comentários de política”. In: Nelson Lellis (org). *Religião e Política à Brasileira*. 1ed. São Paulo: Edições Terceira Via, 2018, v.1, p.11-17.
- FREUD, S. *O Mal-Estar na Civilização*. Tradução de Paulo Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. Campinas: Tese (doutorado em Sociologia). IFCH, UNICAMP, Campinas, 1993.
- HEGEL, G. W. *Fenomenologia do espírito*. Trad. Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 2014.
- HONNETH, Axel. *Reificação: Um estudo de teoria do reconhecimento*. Tradução de Rúrion Melo. São Paulo: Unesp, 2018.
- HORKHEIMER, M. Filosofia e Teoria Crítica. In: ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Textos escolhidos*. Trad. Zeljko Loparic... [et al]. São Paulo: Nova Cultural, 1989. (Os Pensadores).
- HORKHEIMER, M. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. In: ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Textos escolhidos*. Trad. Zeljko Loparic... [et al]. São Paulo: Nova Cultural, 1989. (Os Pensadores).
- JAY, Martin. *The Dialectical Imagination: A History of the Frankfurt School and the Institute of Social Research, 1923–1950*. Berkeley: University of California Press, 1996.
- KANT, Immanuel. Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung? In: Weischedel, Wilhelm (Hrsg.). *Werkausgabe in zwölf Bänden, Band 11: Schriften zur Anthropologie, Geschichtsphilosophie, Politik und Pädagogik 1*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1977.
- _____. *Crítica à faculdade de juízo*. trad. V. Rohden e A. Marques. Rio de Janeiro: Forense, 2002.
- LUKÁCS, György. *História e consciência de classe: Estudos sobre a dialética marxista*. trad. Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MACIEL, Moisés Brasil et al. *Pneumatologia do (neo) pentecostalismo brasileiro: convergências, divergências e a proposta de um pós-pentecostalismo*. 2023.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 5ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- _____. *Pentecostais e Política no Brasil. Com Ciência*, v.65.2005. Disponível em <http://www.comciencia.br/reportagens/2005/05/13.shtml>. Acesso em 27/01/2025.
- MARX, Karl. *O Capital*. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- ORO, Ari Pedro. No Brasil as tendências religiosas continuam: declínio católico e crescimento evangélico. *Debates do NER*. Porto Alegre, RS. Vol. 20, n. 37, p. 69-92, jan./jul. 2020.
- WEBER. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. trad. Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.
- WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.
- _____. *Economía y sociedad: Esbozo de sociología comprensiva*. trad. José M. Echavarría... [et al]. México: Fondo de Cultura Económica, 2002.

Submetido em 29/01/2025

Aprovado em 18/06/2025